



6º FÓRUM EMPRESARIAL

DISTRITO DE AVEIRO

**REINVENTAR A INDÚSTRIA
AFIRMAR O FUTURO**

CENTRO DE ARTES DE ÁGUEDA
16 NOV 2018

WWW.AIDA.PT

AIDA
ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL
DO DISTRITO DE AVEIRO

COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELÊNCIA

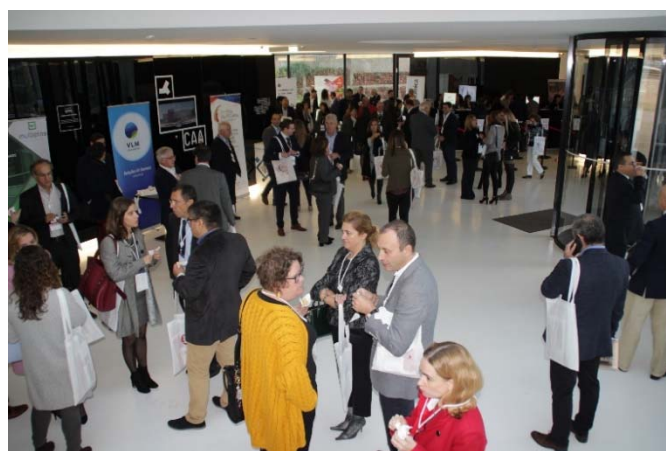


O Presidente da República



6.º FÓRUM EMPRESARIAL DO DISTRITO DE AVEIRO REUNIU MAIS DE QUATRO CENTENAS DE EMPRESÁRIOS

O Centro de Artes de Águeda acolheu a 16 de Novembro de 2018, o 6º Fórum Empresarial do Distrito de Aveiro, evento que contou com a maior participação de sempre, 463 participantes.



A iniciativa promovida pela AIDA - Associação Industrial do Distrito de Aveiro, em parceria com a Câmara Municipal de Águeda, teve igualmente o Alto Patrocínio do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa.

Este evento que, de 2 em 2 anos, marca a agenda na região e no País, tornou a oferecer a todos os que nele participaram, um dia recheado de discussão de alguns dos temas que se revestem do maior interesse para todo o sector empresarial.





Jorge Almeida, Presidente da Câmara Municipal de Águeda, na qualidade de anfitrião, saudou todos os presentes e realçou a importância para o seu município em acolher uma iniciativa que promove a discussão sobre o futuro da indústria.

Enalteceu a dinâmica do tecido empresarial do concelho de Águeda, concelho que acolhe 5 500 empresas em que mais de 700 são ligadas à indústria transformadora, com um parque empresarial de sucesso como é o caso do parque de Casarão.



Jorge Almeida



Aproveitando a presença do Senhor Secretário de Estado do Desenvolvimento e Coesão, Nelson de Souza, o autarca solicitou, uma vez mais, a construção da ligação de Águeda à autoestrada, situação que considera urgente para fazer face a competitividade das empresas da região.



Fernando Paiva de Castro, Presidente da Associação Industrial do Distrito de Aveiro, sublinhou o empenho e espírito de cooperação do município de Águeda para a concretização de mais um Fórum Empresarial "A AIDA estava em dívida para com



Águeda por ainda não ter realizado aqui qualquer dos seus Fóruns. Mas tal só foi possível a partir da existência deste magnífico espaço e do inestimável apoio dado pela Autarquia.”



Fernando Paiva de Castro



Fernando Castro aproveitou a presença do Secretário de Estado do Desenvolvimento e Coesão para sublinhar que o tecido empresarial e os municípios do distrito de Aveiro precisam que a Administração Central encontre soluções para as situações que impedem um maior desenvolvimento e alcance do trabalho desenvolvido.

“Infelizmente, será inevitável falarmos em situações recorrentes que queremos ver solucionadas - a pesada carga fiscal e burocrática a que as nossas empresas estão sujeitas, o custo da energia que está a tomar proporções alarmantes, a falta de medidas que contribuam para minimizar a escassez de mão-de-obra com que as nossas empresas vêm sendo confrontadas, a falta de investimento público em sectores que em muito podem melhorar a competitividade das empresas do nosso Distrito, nomeadamente em algumas vias de comunicação.”





Como exemplo da falta de investimento público em infraestruturas, Fernando Castro, apontou a ligação Aveiro – Águeda, já referida pelo Presidente da Câmara Municipal de Águeda, e a linha ferroviária Aveiro-Viseu-Vilar Formoso- Salamanca (em bitola europeia), lamentando que ao invés o Governo insista em ir fazendo “remendos” como o que está a acontecer na Linha da Beira Alta.

O Presidente da AIDA mostrou o desagrado da associação pela reduzida atenção dada ao papel das associações, que assumem muitas vezes o papel a desempenhar pelo Estado, efectuando um verdadeiro “serviço público”, concluindo que os empresários reclamam ser ouvidos e ver reflectida no Orçamento de Estado a defesa dos seus interesses e preocupações, o que uma vez mais não sucede, lembrando que as empresas constituem o pilar económico, a base do edifício da economia do nosso País e, consequentemente, a economia social portuguesa.



O **Secretário de Estado do Desenvolvimento e Coesão, Nelson de Souza**, afirmou ter tomado boa nota de tudo o que ouviu, comprometendo-se a fazer chegar a quem de direito “todos os alertas e chamadas de atenção”.



Nelson de Souza





O Secretário de Estado referiu que os investimentos em infraestruturas referidos por Jorge Almeida e Fernando Paiva de Castro não poderão, nesta fase, ser atendidos uma vez que não estão previstos nos Fundos Estruturais, porque não são aceites pela UE, e o OE está virado para o plano de ajustamento económico do nosso país. Contudo, as referidas necessidades/prioridades serão tidas em consideração para o desenho do próximo quadro comunitário de apoio “Portugal 2030”.

Nelson de Souza aludiu, igualmente, ao facto do Distrito de Aveiro ser líder na absorção dos fundos do sistema de incentivo de inovação, no apoio à criação de novos produtos (central no quadro 2020), o que considerou ser um reflexo da dinâmica empresarial do distrito.



Os trabalhos do **Primeiro Painel “Da indústria tradicional à digital”**, iniciaram com o testemunho de **Luís Mira Amaral, Presidente dos Conselhos da Indústria e Energia da CIP** que apesar de impossibilitado de estar presente pessoalmente, fez questão de dar o seu contributo para a discussão através de um vídeo onde apresentou a sua visão sobre o futuro das empresas e “Os desafios da 4.ª Revolução”, apresentando as 3 dimensões da mesma (tecnológica, empresarial e social).

A 4ª revolução irá, segundo Mira Amaral, fazer mudanças na forma como produzimos e consumimos e como as empresas interagem com os clientes. Irá provocar mudanças no modelo organizacional e de marketing.



Mira Amaral



Reindustrialização não é, frisou, voltar ao passado, assentando na mão de obra barata, mas sim num modelo económico com base na economia do conhecimento, em que engenheiros e técnicos trabalham em parceria com as universidades e politécnicos, tendo dado os exemplos da UA e UM e Politécnicos de Coimbra e Porto.

Para Mira Amaral o mais importante da 4ª revolução industrial será a conectividade entre sistemas, equipamentos, produtos e pessoas. Como principais aplicações da Indústria 4.0 – manutenção preditiva e preventiva – este tipo de manutenção irá otimizar a gestão do ciclo de vida dos equipamentos e máquinas.



Ao nível da dimensão social, referiu a importância do *e-learning* tecnológico no posto de trabalho e de formação e desenvolvimento profissionais contínuos já que “Com a revolução industrial actual vai haver a destruição de emprego numa série de actividades. 10% a 15% de actividades vão desaparecer e surgir outras novas” e faltam quadros intermédios nas empresas.



Segundo o mesmo será necessário formar engenheiros e quadros técnicos que combinem a formação tecnológica e as *soft skills*, avisou, mas também líderes empresariais com espírito empreendedor, sensibilidade humana e competitivos internacionalmente.

O moderador **Júlio Magalhães**, **Director Geral do Porto Canal**, lançou aos oradores diversas questões relativas nomeadamente à necessidade de novas competências e conhecimentos, da digitalização das empresas, a preparação das gerações para as mudanças.



Júlio Magalhães



Para **Paulo Jorge Ferreira**, **Reitor da Universidade de Aveiro**, não há reinvenção da indústria se não houver reinvenção da universidade; reforçando a imperatividade da universidade estar próxima das empresas, acolhendo os seus quadros e enviando os seus doutorandos para que trabalhem as suas teses no seio das mesmas.



Paulo Jorge Ferreira





“Espero que as instituições sejam inteligentes e que as universidades sejam capazes de se adaptarem para evoluírem em conjunto. As novas gerações de empresas e as novas gerações de reitores têm que se encontrar”.

É imperativo que as universidades acompanhem a reinvenção da indústria. Aliado a isto é necessário ter qualidade para se competir no mercado global. Qualidade, competitividade e internacionalização são aspectos fundamentais para esta revolução, referiu.

O reitor da Universidade de Aveiro, deu o exemplo do polo da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda, da Universidade de Aveiro, que consegue dar resposta ao mercado, de forma a se ajustar as reais necessidades através de soluções mais técnicas e práticas em contexto real.

Outro ponto chave, segundo o Professor, é o de flexibilizar a aprovação dos cursos, diminuindo a carga burocrática que leva a que as ofertas da universidade não se adequem em tempo útil às necessidades do mercado de trabalho.



Para Paulo Jorge Ferreira, a tecnologia tem sido não uma substituição do humano, mas uma complementaridade porque multiplica a nossa memória e diminui o nosso esforço, temos de pensar a tecnologia ao serviço do humano e não o humano ao serviço da tecnologia.

A universidade cria conhecimento, mas é necessário juntar a criatividade, a comunicação e a qualidade que as pessoas têm, por esse motivo a UA irá ter de criar um modelo novo para formar indivíduos com criatividade.

Luís Pedro, Director-Geral da Triangle's – Cycling Equipaments S.A., lembrou que estamos a caminhar muito rapidamente para a era digital a todos os níveis, diariamente encontramos-nos conectados com tudo, sendo esta uma grande dependência. Com a indústria é igual!



Luís Pedro



Passou-se da revolução 3.0 com autonomia dos robots para a revolução 4.0 em que o ser humano comunica directamente com os robots. Criou-se a Big Data que representa uma nova era na sociedade moderna, em que o tratamento de dados permite uma tomada de decisões em tempo real. Há uns anos atrás isto não era previsível, afirmou.

Na opinião de Luís Pedro não haverá redução ao nível dos postos de trabalho, mas sim uma necessidade de pessoas altamente qualificadas nomeadamente engenheiros, técnicos e outros, contando para isso com as oportunidades geradas pelas universidades e politécnicos e recrutando esse conhecimento para as empresas. “Deste modo, iremos conseguir competir com os melhores do mundo” afirmou.



Para Luís Pedro, a inteligência artificial e o computador necessitarão sempre da parte humana, por isso é que existem os chamados sistemas colaborativos, pelo que é necessário trabalhar em conjunto, de modo a termos a pretendida informação em tempo real.



Teodorico Pais, membro da Administração da Vista Alegre, área industrial da porcelana e do cristal, assentou a sua intervenção na capacidade de adaptação das empresas à evolução tecnológica a qual não pode, contudo, ser dissociada da preocupação em conhecer bem as preferências do mercado.



Teodorico Pais



Dando o exemplo da VA como sendo uma empresa muito centrada em determinados valores, disse, e por isso terem alguma dificuldade em determinadas fases do processo, contudo têm sabido estar no mercado e dar continuidade ao negócio, pois apesar da inovação introduzida, designadamente nos processos de fabrico, mantêm como essencial a parte da manufactura de luxo que distingue os seus produtos, em determinados nichos de mercado.

Também ao nível da comunicação, salientou que é salvaguardado o atendimento presencial, o qual é especialmente valorizado por grande parte dos clientes. Assim, e apesar de a comunicação virtual também ser trabalhada, a empresa aposta mais na chamada comunicação tradicional, aposta essa que resulta do referido conhecimento do público alvo.





Segundo Teodorico Pais, a VA adaptou-se às tendências mantendo as suas raízes e características. A mão-de-obra, ainda é uma forma de competitividade e de manutenção de identidade, sendo esta uma particularidade da empresa. Exporta 70% com a preocupação de saber o que o mercado procura, integra quadros superiores que vêm da UA e dos politécnicos, complementando o seu saber com formação interna, considerando a qualificação dos recursos humanos como a “chave do sucesso”.

Concluiu afirmando que, apesar da empresa não se encontrar na era digital propriamente dita, tem procurado apostar na digitalização dos processos, maquinação e desenvolvimento de produto, de forma a adaptar-se aos mercados.

Para Teodorico Pais, na VA não existe substituição da inteligência artificial pelo humano, existindo dois mundos, o da indústria artesanal com anos de experiência e o da indústria tecnológica, e ambos têm que funcionar em complementaridade. Reconhecendo que a interface tem que ser trabalhada. O administrador testemunha que quando se substituem áreas de registos de papel à mão por sensores que dão dados em tempo real, permitindo análises muito mais profícuas, o processo é visto com agrado e as pessoas aceitam com agrado a ajuda da tecnologia.

Para **Jorge Marrão, Partner da Deloitte Portugal**, as empresas necessitam de recursos que não foram formados pelo mercado, de novos talentos, novas competências, organizações “mais *flats*” e de gestores treinados para lidar com recursos humanos mais exigentes.



Jorge Marrão



Defende que iremos assistir à inversão das pirâmides organizacionais, em que o maior número de trabalhadores corresponde a altos quadros e o afunilamento a pessoal indiferenciado. A hierarquia terá de sofrer alteração, bem como a estrutura organizacional. As empresas terão de ser mais flexíveis. Os gestores que foram treinados para gerir pessoas indiferenciadas, agora terão de lidar com pessoas altamente qualificadas e mais exigentes.

“Quando as pessoas fazem o valor das organizações, muda tudo”, afirmou.



A revolução da indústria irá ter impacto nas empresas. A comunidade em geral irá enfrentar uma nova realidade o que implicará a necessidade do surgimento também de novas políticas públicas, garantiu.

O avanço silencioso e rápido de novas empresas/produtos: Airbnb; Whatsapp; Booking; e-mail, que veio substituir os correios, etc fez com que, num período muito curto, as empresas tradicionais tenham sido ultrapassadas por empresas digitais/tecnológicas.



Para Jorge Marrão temos falta de talento para fazer face aos novos desafios porque não existem no mercado e não foram formados para estas novas exigências. O mercado terá que se ajustar... é através das universidades que temos de solucionar o problema.

Segundo **Vítor Anjos**, **Director Geral do Centro de Inovação e Tecnologia N. Mahalingam/Sakhti**, a tecnologia anda à frente das pessoas, razão pela qual é difícil acompanhar este avanço.



Vítor Anjos





Na sua opinião deverão ser os empresários a se associarem às universidades. A tecnologia vai mutando e as empresas têm de acompanhar essa mudança.

O avanço da tecnologia tem de ser forçosa e simultaneamente acompanhado de investigação e desenvolvimento e formação, eliminando barreiras, trazendo a universidade para dentro das empresas e as empresas para a universidade.



Segundo Vitor Anjos existe uma taxa muito baixa de investigação nas empresas, as empresas devem organizar-se e comunicar directamente com as universidades. É importante criar novos cursos que acompanhem a indústria 4.0, para implementação das novas tecnologias nas empresas.

A I4.0 traz evolução e cria uma série de novas oportunidades de trabalho, referiu, discordando que a evolução tecnologia vá destruir emprego.

Da **parte da tarde** o auditório tornou a encher-se para ouvir **Pedro Ferraz da Costa, Presidente do Fórum para a Competitividade**, que deu início aos trabalhos abordando o tema “Oportunidades e ameaças para as nossas empresas”.

Na opinião do Presidente as empresas têm oportunidades (únicas e ímpares) para o seu desenvolvimento, são disso exemplo o capital abundante, taxas de juro baixas, evolução cambial do euro face ao dólar.



Pedro Ferraz da Costa



Seguidamente, debruçou-se sobre a problemática da baixa produtividade em Portugal apresentando alguns dados económicos comparativos com o resto da Europa e aprontando, igualmente, alguns dos principais obstáculos colocados ao investimento, entre os quais salientou a instabilidade de medidas políticas, a regulação laboral restritiva, as taxas de imposto e a burocracia ineficiente.



Pedro Ferraz da Costa fez ainda menção à necessidade de encurtar os prazos de licenciamento na indústria e colocou forte ênfase na pequena dimensão da grande maioria das empresas portuguesas como factor condicionante do seu posicionamento face à competitividade global.

Seguidamente **José António Barros, Presidente da Assembleia-Geral da AEP - Associação Empresarial de Portugal** deu início ao **painel de debate** subordinado à temática **“A indústria do distrito na competição mundial”**.



José António Barros



O painel iniciou com a mensagem transmitida por vídeo, de **José Manuel Fernandes, Deputado ao Parlamento Europeu**, que deu conta que o próximo quadro comunitário terá novamente um período de sete anos 2021-2027, o que representa uma vitória, dado que inicialmente foi considerada a hipótese de apenas cinco anos.



José Manuel Fernandes



Informou que execução do Portugal 2020 está ainda nos 30% e, no limite, poderão os Fundos Estruturais até 2023 ser executados aproveitando a regra N+3.

Segundo o eurodeputado, o parlamento europeu prevê que o próximo Quadro Comunitário de Apoio (QCA) seja consolidado nesta legislatura. “A Comissão em cada governo tem de negociar o próximo QCA. Na proposta da Comissão está previsto 1,1% do rendimento nacional bruto da UE”, afirmou.

“O próximo quadro financeiro vai trazer novos programas e reforça programas antigos, que podem ajudar as pequenas e médias empresas”.



O envelope financeiro não vai ser inferior ao actual QCA, afirmou também.

Os fundos e programas europeus têm de ser utilizados para acrescentar valor e não podem servir para substituir despesa que cabe ao Orçamento de Estado, alertou José Manuel Fernandes.



Para José Manuel Fernandes, o QCA 2020/2027 tem de contribuir para a coesão territorial e da competitividade económica, para a melhoria das qualificações e melhoria das condições dos portugueses, aumento dos salários, para a promoção da sustentabilidade ambiental. “Que Portugal é que queremos? Quais são os projectos que devem ser subvencionados? Quais os instrumentos financeiros que vamos executar?”

Na opinião do eurodeputado, Portugal tem de definir quais os programas que se quer candidatar, deverá criar uma estrutura de aconselhamento para que os territórios possam definir quais os programas que se devem candidatar. É urgente que Portugal faça o trabalho de casa. Portugal tem de ter uma estratégia.

O **advogado especialista em Direito Fiscal, António Lobo Xavier**, começou por referir que a Região de Aveiro é discreta sob o ponto de vista mediático, mas muito dinâmica em termos económicos, constatando-se existir uma interligação muito acentuada entre a universidade e as empresas.

Numa análise ao sistema fiscal, salientou que estamos numa fiscalidade de ajustamento. “A carga fiscal global aumentou, e não recua em nenhum sector a não ser que algum outro pague a fatura”. Existem algumas medidas de estímulo fiscal que depois são consumidas com outras medidas que anulam o efeito.



António Lobo Xavier



No âmbito da carga fiscal assistimos, segundo Lobo Xavier, à existência de novos demónios como bancos; eucaliptos; grandes superfícies; protecção civil; crédito ao consumo, não existindo medidas de estímulo à poupança.

É comumente referido como sendo o pai do IRC, dado que integrou a comissão da sua criação, nesse sentido disse que “o seu filho se estragou com as más companhias”.



A isenção de imposto de selo sobre as operações bancárias relativas às exportações seria, para o fiscalista, uma medida bem-vinda.

Existem cerca de 300 000 empresas que não pagam IRC porque não apresentam colecta suficiente, ou seja, 80% da receita é paga por menos de 20% das empresas.

Portugal está no 4º lugar na OCDE em termos de tributação das empresas, referiu alertando para a elevada carga fiscal.

Já **Celeste Hagatong, Presidente do Conselho de Administração da COSEC** referiu que os seguros de crédito com garantia do Estado colmatam as falhas existentes no mercado, ainda que na parte pública cumpram as orientações dadas pelo governo.

Na sua opinião a alteração do rating de Portugal foi benéfica em termos de seguros de crédito. O seguro de crédito a médio prazo é válido em todo o mundo, disse, apontando o sector como um daqueles em que os seguros de crédito são mais importantes.



Celeste Hagatong



Uma das bases do seguro de crédito é o relacionamento com outras seguradoras mundiais, informando que existe um seguro não utilizado em Portugal, o seguro para o investimento estrangeiro, segurado pelo Estado e de apoio à exportação/internacionalização, ou seja, o investimento exterior tem cobertura, mas esta informação não é do conhecimento da maioria, lamentou, dando como exemplo o Banco do Fomento e Exterior que quando se localizou em Angola e Moçambique realizou um seguro de crédito, não colocando nada nesses países sem seguro.

Clarificando conceitos, terminou a intervenção com uma chamada de atenção para o facto de a internacionalização não se limitar às de bens e serviços, mas também ao investimento no estrangeiro, sendo necessária uma comunicação especializada nesse sentido.

Pedro Morais Leitão, Presidente do Conselho de Administração da PRIO SGPS começou por referir que existe transversalidade das capacidades da gestão na internacionalização.

Referindo-se a Aveiro, considera que as pessoas têm muita capacidade de trabalho, inovação, especialização e hábitos de colaboração. Reitera que foi através destes 3 factores que a PRIO cresceu e que contribuem para a sua capacidade de exportação.



Pedro Morais Leitão



As exportações que não estejam baseadas na inovação e na especialização estão condenadas, afirmou.

A exportação deve ser uma consequência destas duas competências sendo que a transição energética será efectuada com a colaboração das empresas petrolíferas.

Para Pedro Morais Leitão a PRIO é um veículo de recolha de imposto para o Governo (50%).

Partilhou a experiência da PRIO relativamente ao investimento no biocombustível, que contavam inicialmente com incentivos do Estado, tendo posteriormente sido retirado esse apoio o que originou que muitas empresas não tivessem conseguido ultrapassar a situação enquanto outras conseguiram reinventar-se, como foi o caso da PRIO.

Já **Diogo da Silveira, Presidente Executivo da The Navigator Company S.A.** afirmou que a empresa atingiu a posição que ocupa actualmente, porque em Portugal há eucaliptos, 90% dos quais para exportação, frisando que está em causa a transformação daquilo que os 400 mil produtores produzem, de forma a caracterizar a importância económica do sector.



Diogo da Silveira





A Navigator é líder europeu de papel branco, tendo cerca de 20% de quota de mercado. Na categoria de papel *premium*, possui cerca de 50% de quota de mercado europeu. Foi em Portugal, concretamente em Cacia, na empresa que deu origem à Navigator, que se produziu pela 1ª vez a pasta de papel branca através do processo Kraft.

Considera como constrangimentos ao desenvolvimento da actividade em Portugal a derrama estadual, o custo energético e o acesso à rede. O acesso às redes é muito mais caro em Portugal do que em Espanha, mais 41€ megawatts/hora

No entanto, a empresa é competitiva em termos de custos já que, em termos energéticos produz cerca de 5 vezes mais do que aquilo que consome.

Diogo da Silveira refere a inovação não apenas de base tecnológica, mas também no marketing, com a criação de marcas, com a devida sustentabilidade. Considera que o caminho é continuar a inovar, referindo exemplos concretos, como os biocompósitos e o bioetanol, além do envolvimento na indústria 4.0.

Conclui dizendo que o sucesso da Navigator se deve, em 1º lugar, aos eucaliptos e, em 2º lugar, à inovação para em permanência acrescentar valor. “Desenvolvemos marcas no papel, conseguimos cobrar um prémio de preço. Mais de 2/3 das vendas são com marca”.

A **sessão de encerramento** contou com a presença da **Presidente da CCDRC, Ana Abrunhosa** que para além de felicitar a AIDA pela excelente organização de mais um Fórum Empresarial, incentivou todos os presentes, autarcas e empresários do distrito de Aveiro, a nunca desistirem de lutar pelo que consideram essencial para continuarem o extraordinário trabalho que têm desenvolvido, beneficiando muito a economia nacional.

A Presidente da CCDRC fez ainda um forte apelo ao associativismo por parte das empresas da Região.



Ana Abrunhosa





O dia ficou ainda marcado pela **formalização do Pacto para a Atratividade da Região de Aveiro**, subscrito pelas 9 associações que integram o CER-Aveiro (Conselho Empresarial da Região de Aveiro) e que consubstancia o compromisso das mesmas em trabalharem conjuntamente para face ao desafio global de ajustamento da procura e oferta do mercado de trabalho, realidade no contexto internacional, nacional e regional de insuficiência generalizada de recursos humanos (em particular de mão-de-obra qualificada) e o impacto negativo que essa escassez acarreta na evolução do investimento, da produtividade e da competitividade das empresas em geral e na Região de Aveiro em particular.



Do programa do Fórum constaram ainda, como é habitual, os **encontros de trabalho (networking)** que a AIDA promove e organiza e que se têm revelado da maior importância para o tecido empresarial a que se dirigem, tendo-se realizado 55 reuniões.





AGRADECIMENTO

A AIDA agradece todo o apoio e colaboração prestado pelo Município de Águeda, na pessoa do Sr. Presidente da Câmara, Jorge Almeida, parceiro incondicional na organização do 6º Fórum Empresarial do Distrito de Aveiro através, nomeadamente, da disponibilização das instalações do Centro de Artes de Águeda e do apoio logístico inerente à sua utilização.

Não poderia deixar de ser feita uma referência particular ao conjunto notável de patrocinadores, entidades apoiantes e *media partners*, que infra se elencam, por terem acreditado na importância da iniciativa e no dinamismo do tecido empresarial do Distrito de Aveiro.

PARCEIRO



COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELENCIA



O Presidente da República

PATROCINADORES



VidaEconómica



finaccount.
BUSINESS CONSULTING & TRAINING

gestluz
CONSULTORES



ENTIDADES APOIANTES



MEDIA PARTNERS

NACIONAIS



REGIONAIS



LOCAIS

